

Contra o mundo moderno: uma história do Tradicionalismo e do reacionarismo revolucionário

Against the modern world: a history of Traditionalism and revolutionary reactionism

Francisco Thiago Rocha Vasconcelos¹
fvasconcelos@unilab.edu.br

Resumo

Esta resenha analisa o livro Contra o Mundo Moderno - O Tradicionalismo e a História Intelectual Secreta do Século XX, do historiador britânico Mark Sedgwick, um dos maiores especialistas na história do Tradicionalismo, corrente de pensamento metafísico, político e religioso. O livro representa uma grande contribuição para o entendimento das origens do Tradicionalismo, sua expansão e diversificação, bem como sua influência religiosa e política, principalmente entre movimentos da "nova direita" antiliberal na atualidade, na Europa, na Rússia, nos Estados Unidos e no Brasil.

Palavras-chave: Tradicionalismo; História intelectual; Política; Religião; Direita

Abstract

This review analyzes the book Against the Modern World - Traditionalism and secret intellectual history of the twentieth century, by the british historian Mark Sedgwick, one of the leading experts in the history of Traditionalism, current of metaphysical, political and religious thought. The book represents a great contribution to the understanding of the origins of Traditionalism, its expansion and diversification, as well as its religious and political influence, especially among anti-liberal "new right" movements today, in Europe, Russia, the United States and Brazil.

Keywords: Traditionalism; Intellectual history; Politics; Religion; Right

¹ Francisco Thiago Rocha Vasconcelos. Professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - Unilab, no Ceará. Doutor em Sociologia - Universidade de São Paulo (USP); Bacharel em Ciências Sociais e Mestre em Sociologia - Universidade Federal do Ceará (UFC).

SEDGWICK, Mark. 2021. *Contra o Mundo Moderno – O Tradicionalismo e a História Intelectual Secreta do Século XX*. Trad.: Diogo Rosas G. Belo Horizonte – MG, Ed. Âyiné, 680 p.

O livro do historiador britânico Mark Sedgwick² supre uma lacuna relevante no estudo de uma corrente de pensamento filosófico, político e religioso ainda pouco debatida no Brasil, o Tradicionalismo, cujo conhecimento se faz urgente diante da sua influência na conformação de movimentos de "nova direita" antiliberal nos últimos anos, em países tão distintos quanto os Estados Unidos, a Itália, a Rússia, o Irã e mesmo o Brasil.

O Tradicionalismo é concebido pelo autor como um movimento que busca suas origens na Europa Renascentista, em organizações ligadas à alquimia, à astrologia e à magia, produzindo um sincretismo entre diferentes filosofias e práticas religiosas, como o hermetismo, o neoplatonismo e a cabala. Um fundamento central para os Tradicionalistas é o Perennialismo, corrente que busca por uma sabedoria ou religião original no Oriente (entendido como circunscrito à Grécia clássica, além de Israel e Egito bíblicos), representada especialmente por Hermes Trismegistos, personagem mitológico, cujo pensamento acredita-se ter inspirado boa parte da filosofia grega e do Cristianismo. A partir do século XVIII a centralidade de Hermes passou a ser substituída pelo Hinduísmo e pela narrativa histórico-mítica das grandes migrações dos "povos arianos" ou "indo-europeus", a partir de 4.000 a.c., que teriam influenciado a formação dos povos da Grécia Antiga, e que teriam migrado também, do Irã para a Índia, onde construíram uma nova sociedade através do sistema de castas³.

A consolidação do Tradicionalismo como doutrina, no entanto, só teria ocorrido no início do século XX, em torno do objetivo de retomar supostas crenças e práticas transmitidas de geração em geração desde tempos imemoriais em organizações espiritualistas, religiosas e iniciáticas que teriam surgido no Ocidente nos últimos quinhentos anos, a exemplo das Ordens de Cavaleiros, da Sociedade Teosófica e da Maçonaria, ao mesmo tempo em que se aproximou também do Taoísmo ou do Islamismo. Na concepção dos Tradicionalistas, a civilização ocidental moderna teria aparecido na história como uma anomalia, pois seria a única a ter se desenvolvido em uma direção puramente material, cujo início coincidiria com o que é comumente chamado de Renascimento. Tendo tal gênese sido acompanhada por uma regressão intelectual e espiritual, é daí que adviria o desdém dos ocidentais pelas civilizações orientais e também pela Idade Média europeia. Nesse sentido, o Ocidente estaria em perigo porque teria deixado de se basear em algo mais substancial em favor da superioridade industrial: na ausência de "fundações espirituais", a civilização ocidental correria o risco de colapso e extinção através da assimilação por "civilizações mais sólidas".

Estas ideias foram sistematizadas pelo francês René Guénon (1886-1951), especialmente em *Orient et Occident* (1924) e *La crise du monde moderne* (1927), em que a crise do mundo moderno é interpretada a partir da concepção cíclica de tempo no Hinduísmo, estando o Ocidente em uma fase decadente, final, de crise civilizacional, o *kali yuga*. Aquilo que o Ocidente concebe como progresso é entendido como decadência, ou seja, um processo histórico de "inversão", no qual o individualismo moderno destruiria o valor da individualidade. Guénon busca a fonte principal da Tradição nas religiões Orientais, com base no princípio de que estas manteriam uma forma mais fidedigna, embora incompleta, de uma religião original, anteriormente compartilhada pelas sociedades "indo-europeias". A crença em uma religião original é nomeada como Perennialismo, cujo contato inicial Guénon teve através do Gnosticismo, tendência considerada herética pelo Catolicismo, ligada à antiga Igreja Cristã, especialmente no Egito, e à crença em uma forma de revelação e relação pessoal e direta de Deus com uma elite espiritual. No caso de Guénon e de sua busca da Tradição no Oriente, pode-se falar em Vedanta-Perennialismo, expresso em *L'introduction générale à l'étude des doctrines hindoues* (1921) e em *L'homme et son devenir selon le Vedanta* (1925). Neste momento, Guénon está preocupado também com a afirmação do seu pensamento em contraste com outras organizações e movimentos espiritualistas e iniciáticos, como é o caso da Teosofia, em *Le Theosophisme, histoire d'une pseudo-religion* (1921) e do Espiritismo, em *L'erreur spirite* (1923), ambos analisados como formas de "contra iniciação", ou seja, como desvios do verdadeiro caminho iniciático na Tradição.

Identificando o Oriente com a Tradição e o Ocidente com a Modernidade, para Guénon seria necessária uma elite intelectual que recebesse um "ensino tradicional" através de "doutrinas orientais", de maneira a conduzir o Ocidente à restauração de uma civilização tradicional. A elite, proposta por Guénon, não precisava ser numerosa ou organizada a princípio, nem secreta, uma vez que suas atividades seriam de natureza iniciática, de difícil compreensão para o público externo. Ele enxergava que, na verdade, uma tentativa prematura de organização, especialmente em qualquer grande organização, seria não apenas inútil, mas perigosa, em razão de desvios e de tentações de ação imediata ou política. A sua sugestão era a de que houvesse a formação de pequenos grupos de estudo e, somente uma vez que o terreno estivesse devidamente preparado, uma organização mais fortemente constituída se faria necessária e possível. Mesmo que esta elite não tivesse condições imediatas para modificar a mentalidade ocidental como um todo, ela poderia ser um ponto focal para atividades através das quais o Ocidente receberia as bases de um novo desenvolvimento apropriado às suas características particulares, poupando-o de

² Professor de estudos árabes e islâmicos da Universidade de Aarhus, na Dinamarca.

³ Para um estudo dos fundamentos teológicos e políticos da aproximação entre os representantes de um hinduísmo supremacista ou triunfalista e a extrema direita europeia, cf. Nanda, 2009.

ser assimilado por formas tradicionais de outras civilizações através de processos como "revoluções étnicas".

O movimento Tradicionalista não teria centro de comando nem estrutura formal. Ele seria composto por inúmeros grupos e indivíduos unidos pela referência comum ao trabalho de René Guénon e que desenvolveram os princípios Tradicionalistas em diferentes e, por vezes, contraditórias direções. Sendo assim, Sedgwick define sua obra como uma biografia de René Guénon e uma história do movimento Tradicionalista por ele fundado. O livro está dividido em três partes. Na primeira, o desenvolvimento do Tradicionalismo é abordado a partir das principais obras de Guénon, através das quais o leitor é apresentado às concepções espiritualistas que subjazem à sua crítica do mundo Ocidental moderno, relacionadas a diferentes correntes, como o Perennialismo, o Gnosticismo, o Taoísmo e o Sufismo. Na segunda, Sedgwick analisa como o Tradicionalismo foi adaptado, na prática, a diferentes regiões e contextos sociais ainda na primeira metade do século XX, como Egito, Argélia, Suíça, Itália, França e Alemanha, assumindo diferentes configurações doutrinárias e políticas, até sua fragmentação, com a criação de diferentes ordens independentes após a 2ª Guerra Mundial. Na terceira e última parte, o Tradicionalismo é analisado em sua expansão, como atividade educacional, organização religiosa ou filosofia política nos Estados Unidos, na Itália, na França e no Irã.

Na primeira parte, a biografia de René Guénon é considerada a partir do modo como sua produção intelectual começou a circular no contexto francês. Rejeitadas na universidade, as teses de Guénon tornaram-se uma filosofia estabelecida a partir dos anos 1920 em círculos ligados a movimentos ou organizações espiritualistas - como a Maçonaria, o Gnosticismo, o Catolicismo, a Teosofia e o Islamismo - a partir das quais procurou um caminho iniciático para a síntese teórica e ritualística que objetivava os princípios extraídos do Hinduísmo (religião que, paradoxalmente, ele nunca teria vivenciado na prática). Tendo os horrores da 1ª Guerra Mundial favorecido a recepção do antimodernismo Tradicionalista, a partir dos anos 1930, ele tornou-se um movimento mais amplo, orientando-se seja para uma prática religiosa específica, para o engajamento político ou para um "Tradicionalismo *soft*", aceito na academia.

Na forma de prática religiosa, ele incorpora o princípio da iniciação em diferentes organizações confessionais mais por razões de conveniência prática, posto que, para Guénon, não haveria distinção entre diferentes formas de culto tradicional e, portanto, não haveria conversão religiosa propriamente dita, mas a aproximação com os princípios unitários da Tradição. A preferência de Guénon, entretanto, se dava, em geral, pela Maçonaria ou pelo Islamismo, em detrimento das crenças e rituais ligados ao Cristianismo, razão do conflito com Frithjof

Schuon (1907-98), Tradicionalista criador da ordem Sufi *Alawiyya* (posteriormente *Maryamiyya*), para o qual os sacramentos do Cristianismo se manteriam válidos para o caminho iniciático esotérico tradicionalista. Guénon, ao contrário, entendia a necessidade de uma relação de correspondência entre a forma exotérica, pública e universal da religião adotada, e sua forma esotérica, reservada ao contato mais aprofundado e reservado com a espiritualidade. A adoção do Sufismo, nesse sentido, deveria corresponder a uma adoção das demais práticas do Islamismo, e não sua síntese ritual com outras formas religiosas, ou seja, uma ordem Sufi Tradicionalista na Europa não deveria se diferenciar de uma ordem Sufi no mundo islâmico. Ao mesmo tempo, não se pode perder de vista o quanto pareceria estranho a um muçulmano apoiar o parentesco de sua religião com o Hinduísmo, posto que, para o Islã, todas as religiões foram revelações parciais, preparatórias para a verdadeira religião muçulmana. Isto revela o quanto o objetivo de Guénon não era uma simples «Islamização do Ocidente», mas um caminho para uma síntese maior, ancorada na teologia de religiões orientais e nas formas de iniciação apropriadas ao Ocidente.

Como religião, o Tradicionalismo de Guénon foi desenvolvido, em continuidade ou ruptura, seja na Europa ou nos Estados Unidos, com ênfase na adaptação das crenças e dos ritos ao Cristianismo, ao Budismo e/ou às crenças de povos originários da América do Norte - temas dos capítulos 7 e 8. Como forma de engajamento político, ele também se disseminou em diferentes realidades, mesmo que em sentido diferente da mensagem inicial do seu fundador, muito mais concentrado no caminho iniciático e influência na mentalidade de elites. Apesar disso, sempre estiveram presentes, no Tradicionalismo, personagens que se voltaram à ação política direta, caso do Sufi sueco Ivan Aguéli (1869-1917), famoso por sua resistência à introdução, na França, do estilo espanhol de tourada (no qual o touro é morto) e adepto de concepções anticoloniais.

Contudo, é junto ao fascismo e ao terrorismo de direita que o Tradicionalismo se vinculou com maior ênfase. A influência do Tradicionalista de Rudolf von Sebottendorf (1875-1945), ocultista neo-Sufi de origem alemã e nacionalidade otomana, nas origens do partido que posteriormente se tornaria o Partido Nazista alemão sob o domínio de Hitler⁴, já antecipa possíveis afinidades entre Tradicionalistas e a intenção de transformar ordens militares ou militantes em base para um movimento de "reconstrução espiritual". Com o barão italiano Julius Evola (1896/8-1974), entretanto, é que a implicação com a política se tornou mais explícita, sistematizada e central para o Tradicionalismo, tendo em vista a importância de Evola como intérprete de Guénon e em seu direcionamento particular, do reservado espiritualismo iniciático à *Revolta contra o mundo moderno* (1934), título de uma de suas principais obras.

⁴ De acordo com Sedgwick, von Sebottendorf participava da *Thulegesellschaft* [Sociedade Thule], que procurou organizar trabalhadores no *Deutsche Arbeiterpartei* (Partido dos Trabalhadores Alemães) em Munique, na Bavária. A sua saída da *Thulegesellschaft* se deu após a instauração da breve República Soviética da Bavária, cuja dissolução coincidiu com o controle de Adolf Hitler sobre o Partido, que já não tinha as mesmas características defendidas por von Sebottendorf. Nos anos 1930, ele será enviado a um campo de concentração por suas atividades intelectuais.

O ponto alto da segunda parte do livro de Sedgwick é a análise da vida e obra de Julius Evola que fornece também uma das principais linhas de continuidade com a terceira parte do livro, referente ao Tradicionalismo no presente e no futuro. Introduzido em 1921 no Tradicionalismo pelo matemático maçom e também italiano Arturo Reghini, correspondente de Guénon, Evola inicia sua atividade intelectual em meio ao movimento Surrealista e produzindo o jornal ocultista *Ur*. O seu livro mais importante é *Rivolta contro il mondo moderno* (1934), construído como resposta possível ao *Crise du monde moderne* de Guénon. Mas, diferentemente do fundador do Tradicionalismo, para Evola não se trata de simplesmente explicar a crise, mas de direcionar a sua solução através da revolta.

Esta orientação advém de duas outras inspirações de Evola: o antropólogo Johann Jakob Bachofen e o filósofo Friedrich Nietzsche. Bachofen entendia que a sociedade humana atual derivou de uma antiga civilização matriarcal para a civilização patriarcal, no sentido de um progresso de uma base cultural corporal (telúrica) para uma espiritual (urânica). Evola, contudo, reverteu o sentido do evolucionismo de Bachofen: a crise do mundo moderno representa o declínio das qualidades masculinas (urânicas) e o predomínio das qualidades femininas (telúricas). De Nietzsche, Evola incorpora a ênfase na ação e na superação individualista/aristocrática/espiritual, com sua crítica a sociedades de massas baseadas no universalismo cristão. A ênfase na ação seria uma qualidade urânica, masculina, associada no Hinduísmo à casta guerreira (*kshatriya*). Diferentemente de Guénon que, em *Autorité spirituelle et pouvoir temporel* (1929), afirmava ser, no estado Tradicional primordial, a autoridade espiritual superior a temporal (os *brahmin* superiores aos *kshatriya*), para Evola, as castas *brahmin* e *kshatriya* seriam originalmente uma única casta, que se dividiu com o declínio da Tradição. Esse declínio teria produzido a "dessacralização da existência" através do individualismo e do racionalismo e, posteriormente, do coletivismo, do materialismo e do mecanicismo. Ao mesmo tempo, esse processo teria sido marcado pela "lei da regressão das castas", com o poder passando do sacerdote aos militares e destes para a casta de comerciantes (democracia burguesa) e, finalmente, à casta dos servos (proletariado), como na União Soviética.

Evola produz, nesse sentido, uma variação da narrativa de Guénon e de suas prescrições: enquanto o francês vaticinava ser a transformação individual iniciática o caminho para a transformação do Ocidente em sua totalidade através da influência sobre suas elites; o italiano sugere um caminho mais material para o alcance do estado do "Indivíduo Absoluto". Interpretada de diferentes maneiras, essa prescrição, segundo Sedgwick e a julgar pelas próprias ações de Evola, estabelecia que a transformação do indivíduo deveria ser a consequência da transformação da sociedade, conforme expressou seu envolvimento com o regime fascista na Itália a partir dos anos 1920. Este envolvimento, entretanto, não é linear e é cercado de ambiguidades.

Nesta mesma década, Evola teria declarado simpatia à Mussolini – do mesmo modo, justificava-se, como ele o teria feito em relação a qualquer outra liderança que se opusesse aos re-

gimes democráticos e à política de esquerda –, mas, ao mesmo tempo, criticava a ação e as origens dos Camisas Negras e do nacionalismo fascista.

Os compromissos estabelecidos pelo governo fascista com a burguesia e com a Igreja Católica seriam os que mais desagradavam a Evola e teriam lhe trazido dificuldades na sua relação com o regime. Em seus artigos na revista *Crítica Fascista*, Evola defendia que o paganismo romano, e não o Cristianismo, era a base mais apropriada para o fascismo. Esse mesmo argumento servirá de princípio para o seu livro *Imperialismo pagano. Il fascismo dinnanzi al pericolo euro-cristiano* (1928). Mussolini, no entanto, estabelece firme concordata com a Igreja Católica que conduz à perda de prestígio de Evola nos círculos fascistas e ao consequente encerramento da publicação de sua revista *La Torre*. Após esse episódio, Evola se retira da política para, com a intenção de guiar o fascismo italiano, escrever *La tradizione ermetica* (1931) e *Spiritual Problems in Fascist Ethics* (1933) que, contrariando as suas expectativas, obtiveram pouca recepção, fazendo-o ser mais pessimista: para ele, a Itália teria sido incapaz de fornecer material humano para as possibilidades superiores que estariam para além do fascismo.

As suas atenções, nesse contexto, voltam-se à Alemanha, onde a tradução de *Imperialismo pagano* tem melhor recepção. Em 1934, um ano após a ascensão de Hitler, Evola se dirige à Alemanha, país que considerava mais apropriado ao Tradicionalismo, posto que, em sua visão, a "lei de regressão das castas" não teria avançado muito em razão da tradição militar prussiana ter sobrevivido com poder e dignidade política. Nos círculos próximos ao partido nazista e à aristocracia alemã, Evola terá algum sucesso junto ao grupamento paramilitar de elite Schutzstaffel (SS), propondo a criação de uma ordem secreta que trabalhe para um "Império Romano-Teutônico". A sua perspectiva, entretanto, será vista como utópica e ele será desestimulado a participar dos círculos ligados ao Nazismo. A principal aceitação das ideias de Evola se dará, na verdade, não entre os nazistas, mas entre os "ultraconservadores", despojados pelos nazistas.

Segundo Sedgwick, após mais uma experiência de insucesso em infiltrar-se em organizações, Evola muda sua estratégia: dar atenção não a grupos específicos, mas a uma questão em especial e que será fundamental para que ele voltasse a ser prestigiado no fascismo italiano: a questão racial. Em *Sintesi di dottrina de la razza* (1941), Evola busca uma definição "espiritual de raça", diferenciada do sentido mais comum utilizado para condenar judeus e outros povos. Para ele, os reais inimigos não seriam os judeus biologicamente definidos, mas os valores de subversão e antitradição. O racismo biológico deveria ser complementado ou substituído por um "racismo espiritual" a organizar a sociedade segundo princípios culturais e elitistas. A perspectiva teria agradado pessoalmente Mussolini, pois forneceria um alinhamento ideológico ao racialismo germânico, ao mesmo tempo em que dele se diferenciando. Apesar disto, para Sedgwick, o Tradicionalismo não teria desempenhado um papel significativo nem no fascismo nem no nazismo, seja pelo pouco interesse ideológico de Mussolini ou pela ideologia já previa-

mente adotada por Hitler, seja pela concepção elitista de Evola pouco compatível com a política de massas adotada, na prática, pelos regimes fascistas.

No capítulo *Terror na Itália*, Sedgwick aborda como, após a 2ª Guerra Mundial, Evola continuará como um ator vinculado à extrema direita, em grupos originados do fascismo italiano e, posteriormente, dos movimentos sociais e políticos de 1968. No contexto imediato do pós-guerra, ele escreverá para os jornais de grupos de direita, propondo uma "revolução espiritual", distinta da ação política imediata. Em 1951, integrantes destes grupos serão presos, acusados de lutar por reestabelecer o fascismo. Evola também foi preso, acusado de inspirar o grupo através dos seus escritos. Ele será levado a julgamento, mas será inocentado. A publicidade em torno do caso incentivou Evola a escrever *Cavalcare la Tigre: Orientamenti esistenziali per un'epoca della dissoluzione*, em 1961, que veio a se tornar a principal referência para a extrema direita nas décadas seguintes.

Em um contexto de cada vez maior fragmentação e radicalismo na forma de terrorismo político, o livro forneceu uma visão aos militantes de direita no sentido de fazê-los se concentrar em uma "batalha espiritual", tendo em vista que o século XX seria uma "era de dissolução", em que não haveria precondições para a instauração de uma autoridade legítima segundo um projeto de extrema-direita através da ocupação de espaços em partidos ou movimentos políticos. Por esta razão, para aqueles indivíduos que permaneceram dispostos a continuar a luta neste contexto desfavorável, Evola recomenda a separação da política, a *apoliteia*, concebida como distância interior da sociedade e dos seus valores. Essa objeção de consciência e do compromisso com o mundo social vigente foi interpretada de diferentes maneiras, seja como niilismo, um "existencialismo Tradicionalista" ou um anarquismo de direita contra a sociedade burguesa; seja como apoio ao abandono de organizações centralizadas por pequenas células e grupos fluidos, agindo com relativa autonomia entre si, no caso de ações terroristas ou de círculos culturais e grupos de estudos que proliferaram em torno da obra de Evola.

Ainda em termos políticos, a influência de Guénon, sob a interpretação de Evola, se fará presente, atualmente, através da recuperação de suas ideias feita pelo ideólogo russo Alexandre Dugin e seu Neo-Eurasianismo Tradicionalista – tema do capítulo 12. Crítico do regime comunista, mas também do liberalismo democrático após a queda do poder soviético, Dugin foi um dos principais defensores do Nacional-Bolchevismo, movimento de oposição que buscava uma síntese entre o nacionalismo e o socialismo autoritário, vindo a se tornar uma das principais influências no pensamento geopolítico do governo de Vladimir Putin. A base das suas reflexões consiste em uma retomada do Eurasianismo dos anos 1920/30, antiga ideologia que propunha a restauração de uma unidade civilizacional há muito perdida

entre os povos que correspondem a área de influência do antigo império bizantino e do império russo.

Esta restauração é apoiada com base em dois pilares, sendo o primeiro formado pelas teorias da geopolítica, especialmente as do geógrafo Halford Mackinder, para quem a geopolítica mundial poderia ser compreendida pela oposição entre a região continental da Eurásia e as civilizações Atlânticas. Na versão de Dugin, o bloco atlântico corresponderia ao *kali yuga*, a modernidade, a ausência de espiritualidade e a decadência através da democracia; enquanto a Eurásia seria o repositório das Tradições iniciáticas e da justificação espiritual e metafísica do poder político⁵. Já o segundo pilar teria como base a adaptação da ênfase de Guénon, do sufismo para o catolicismo ortodoxo como instituição iniciática Tradicional – diferentemente da igreja católica ocidental, a igreja ortodoxa teria conservado uma feição Tradicional, visão expressa em *Metaphysics of the Gospel: Orthodox Esotericism* (1996). O Neo-Eurasianismo seria, em outras palavras, uma nova proposta teórica e política de justificação do expansionismo russo através da construção de uma unidade civilizacional mais ampla, de base conservadora religiosa, mas multiconfessional – ortodoxa, muçulmana, judaica e budista. O Neo-Eurasianismo influencia, atualmente, um conjunto de grupos políticos e intelectuais em diferentes países, na Europa Ocidental, mas também em Israel e mesmo no Brasil. No mundo árabe e muçulmano, por sua vez, o Tradicionalismo estará presente na política na Turquia e especialmente no Irã, onde ele desempenhará um papel relevante no debate público, especialmente na República Islâmica após a Revolução Iraniana de 1979.

Para Sedgwick, há uma diferente recepção do Tradicionalismo na Rússia e no Mundo Islâmico, onde alcançou maior influência política nos últimos anos, e no Ocidente, onde o Tradicionalismo adquiriu uma feição "soft", não aberta. A maior expressão desta abordagem mais diluída, branda ou implícita do Tradicionalismo é a produção do intelectual romeno Mircea Eliade que construiu uma sólida carreira acadêmica em estudos sobre história da religião, sob um projeto de construção de um modelo de religiosidade humana com expressão mítica e simbólica universal. Um "perennialismo em roupas seculares", diria Sedgwick, para quem o débito de Eliade em relação a Guénon e Evola não é explicitado em suas obras em razão de uma estratégia de construção de carreira acadêmica, uma vez que estes pensadores são considerados pouco afeitos ao rigor da metodologia do conhecimento científico e do debate acadêmico e mais voltados ao debate teológico e político propositivo. Outra relevante passagem do Tradicionalismo à cultura geral do Ocidente foi o livro, *Small Is Beautiful: Economics as if People Mattered* (1973), de Ernst Friedrich Schumacher, economista britânico crítico do triunfo da quantidade sobre a qualidade, da grande escala sobre a pequena escala e do produtivismo, que conduziria, segundo

⁵ Teoria, afirma Sedgwick, que possui semelhanças com a visão expressa por Samuel Huntington em Choque de Civilizações. Sobre a relação entre o pensamento de Huntington e o Tradicionalismo, cf. Vasconcelos; Mariz, 2021.

ele, à opressão, à alienação, à frustração e à insegurança, razões pelas quais se faria necessária uma economia fundada em princípios espiritualistas, tradicionais, não materialistas, visando o equilíbrio ecológico. Na França, por sua vez, Louis Dumont insere o Tradicionalismo na História e Sociologia comparada da Índia e Henri Hartung busca influenciar a formação de elites executivas segundo princípios Tradicionalistas no *Institute for human sciences and techniques* e Paul de Seligny no *Institut scientifique d'instruction et d'éducation*.

Ao final, Sedgwick lança um enquadramento analítico de grande interesse: o Tradicionalismo como forma inversa do Orientalismo, conforme Edward Said (2007[1980]), que o define como compreensão ocidental do Oriente Médio desenvolvida desde o século XIX e derivada de fantasias, desejos e projeções do próprio Ocidente, mais do que correspondência factual com a realidade. Sendo assim, Tradicionalismo contrasta um Ocidente (caracterizado pela modernidade, materialismo e habilidade técnica) com um Oriente Médio de tradição, espiritualidade e sabedoria. Portanto, mais do que um modo de vida de grupos minoritários, desde René Guénon, o Tradicionalismo se expandiu em incontáveis grupos e versões após os anos 1960, acompanhando, em grande parte, o ambiente intelectual pós-moderno em sua busca por novos padrões de pensamento e modos de vida alternativos tanto ao Ocidente capitalista como ao alinhamento com o comunismo.

Através desta exposição, acreditamos que foi possível demonstrar como, juntamente com o livro *Guerra pela Eternidade: o Retorno do Tradicionalismo e a Ascensão da Direita Populista* do etnomusicólogo estadunidense Benjamin Teitelbaum (2020), o livro de Mark Sedgwick torna-se uma referência fundamental para entender o pensamento que subjaz a boa parte das "novas direitas". Ambos abordam os fundamentos do Tradicionalismo, mas por ângulos diferentes: enquanto Teitelbaum conduz o leitor pelos caminhos da influência deste pensamento por meio de personagens como é o caso de Steve Bannon e Olavo de Carvalho que atuam como consultores ou "gurus" da "direita radical"; Sedgwick, sem desconsiderar o impacto político do Tradicionalismo, opta por uma história intelectual que parte da análise das teorias e da trajetória de seus fundadores até a disseminação e adaptação dos seus ensinamentos à diferentes propósitos e realidades nacionais através de organizações religiosas e grupos de estudo.

Para o debate especializado, o livro de Sedgwick abre veredas importantes, seja para quem se interessa pelos estudos da religião, seja da política. Mas, como toda produção, algumas

lacunas estão presentes, como a ausência de reflexão sobre se Olavo de Carvalho, personagem que já fora inclusive objeto de estudo recente do próprio Sedgwick (2020), ocupa ou não algum lugar no Tradicionalismo. A mesma questão pode ser colocada sobre Alain de Benoist, o mais importante intelectual francês da "nova direita", cuja relação com o Tradicionalismo é descartada em poucas linhas. Acreditamos que estes dois personagens deveriam ocupar maior espaço no interior da discussão proposta; pois, mesmo que sua pertença ao Tradicionalismo seja contestada por muitos, são inúmeras as reflexões, os diálogos e as vinculações que ambos mantêm com o referido movimento. Para essas e outras questões, convém ao leitor interessado no tema, além da leitura de *Contra a Modernidade*, o cotejo com outro livro organizado por Sedgwick, mas infelizmente ainda não traduzido para o português, *Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy* (2019), compilação sobre a história do pensamento de direita radical desde o início do século XX.

Bibliografia

- CITTOLIN ABAL, F. 2021. Os pensadores da direita radical: de Oswald Spangler a Daniel Friberg. *História Unisinos*, vol. 25, núm. 1, pp. 168-171. DOI: <https://doi.org/10.4013/hist.2021.251.14>
- NANDA, M. 2009. Hindu Triumphalism and the Clash of Civilisations. *Economic and Political Weekly*, Sameeksha Trust (India), vol. 44, no. 28, pp. 106-14. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40279263>. Acesso em: 26/06/2022.
- SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia de bolso, 2007 [1980].
- SEDGWICK, M. (org). 2019. *Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy*. New York, Oxford University Press, 325 p.
- _____. 2020. Traditionalism in Brazil: Sufism, Ta'i chi, and Olavo de Carvalho. *Aries*, v. 1, pp. 1-26. Disponível em: https://brill.com/view/journals/aries/21/2/article-p159_1.xml. Acesso em: 26/06/2022.
- TEITELBAUM, B. R. 2020. *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas, SP: Unicamp.
- VASCONCELOS, F. T. R.; MARIZ, S. F. 2021. O 11 de setembro como marco simbólico do revisionismo histórico à direita: "guerra cultural", elitismo e geopolítica civilizacional. *Locus: Revista de História*, v. 27, p. 72-95. DOI: <https://doi.org/10.34019/2594-8296.2021.v27.33471>.

Submetido: 04/10/2021
Aceite: 11/03/2022